

Ecodarma: contribuições do budismo no cuidado da casa comum em diálogo com a encíclica *Laudato si'*

Renilson Carvalho Tomaz¹

Resumo: Este estudo consiste na investigação do novo conceito de Ecodarma, surgido da combinação dos ensinamentos do Dharma, Lei Cósmica que estrutura o Budismo, com as preocupações sociais e ecológicas atuais. Por meio de pesquisa bibliográfica, a partir de Dennis Gira e dos Mestres Zen Thich Nhat Hanh e David Loy, procura-se uma aproximação com a rica tradição budista, buscando as bases de uma ética voltada ao Cuidado da Casa Comum. O diálogo interreligioso, em perspectiva ecológica, será a via de acesso ao tema, estabelecendo pontos de contato com o Cristianismo na Encíclica *Laudato si'* e sua chamada universal ao desenvolvimento sustentável e integral.

Palavras-chave: Diálogo Interreligioso. Budismo. Cuidado da Casa Comum. Ecodarma. *Laudato si'*.

Abstract: This study investigates the new concept of Ecodharma, which arose from combining the teachings of the Dharma, the Cosmic Law that structures Buddhism, with current social and ecological concerns. Through bibliographical research, based on Dennis Gira and the Zen Masters Thich Nhat Hanh and David Loy, an approach is sought to the rich Buddhist tradition, seeking the foundations of an ethic focused on Care for the Common Home. Interreligious dialog, from an ecological perspective, will be the way to access the theme, establishing points of contact with Christianity in the Encyclical *Laudato si'* and its universal call for sustainable and integral development.

Keywords: Interreligious Dialogue. Buddhism. Care for our Common Home. Ecodharma. *Laudato si'*.

INTRODUÇÃO

As tradições religiosas trazem ricas fontes para a reflexão ecológica, contribuindo de modo essencial na construção de referências éticas. O notável avanço do conhecimento científico, com uma robusta estrutura de pesquisa, ainda não foi capaz de oferecer à humanidade motivações que gerem uma ética do cuidado entre si e com o mundo no qual habita. Há décadas os cientistas de diversas áreas têm alertado sobre a iminência de uma crise ecológica global, especialmente no que se refere ao aquecimento global, com indicadores precisos e prognósticos assustadores. Entretanto, as escaladas destrutivas das relações das sociedades com o meio ambiente avançam de modo cada vez mais desordenado e cruel.

¹ Graduado em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), graduando em Teologia na mesma instituição. Trabalho realizado como bolsista FAPEMIG no ciclo 2022-2023, sob orientação do professor Dr. Afonso Tadeu Murad, inserido no projeto Ecoteologia: singularidade, temas relevantes, perspectivas. Contato: renilson@jesuits.net

Torna-se então fundamental retornar às fontes éticas das diversas religiões do mundo, uma vez que podem oferecer horizontes de esperança no cuidado de nossa Casa Comum. Este caminho de aproximação com as tradições religiosas, em espírito de abertura e respeito, tem progredido na construção de novos espaços de cooperação e diálogo.

Neste sentido, destaca-se o Encontro de Assis em 1986. O evento reuniu na cidade de Francisco, padroeiro da Ecologia, os líderes de cinco religiões mundiais – cristianismo, judaísmo, islamismo, hinduísmo e budismo. Deste encontro resultam as Declarações de Assis: os posicionamentos destas cinco tradições religiosas sobre o meio ambiente. Este documento constitui um marco importante na ética ambiental religiosa, com afirmações contundentes sobre a responsabilidade de toda a humanidade no cuidado deste planeta que compartilhamos. Posteriormente, estas declarações foram ampliadas com mais detalhes contendo as posições de outras sete tradições religiosas: a Fé Baha-í, o Confucionismo, o Taoísmo, o Xintoísmo, a religião Sikh, a Religião Jainista e o Zoroastrismo. Os ensinamentos destas diversas tradições foram ampliados em 2017 com adesão da Aliança dos Guardiões da Mãe Terra, grupo de líderes e ativistas indígenas de todo o mundo (UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME AND PARLIAMENT OF THE WORLD'S RELIGIONS, 2020, p.11).

Como exemplo de ações conjuntas, pode-se citar o projeto que no início deste milênio envolveu o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), o Interfaith Partnership for Environment (Parceria Interreligiosa para o Meio Ambiente) e o Parlamento das Religiões do Mundo. A parceria resultou no documento Faith for Earth: a call for Action (Fé para a Terra e Fé: um chamado para a ação), publicado pela Organização das Nações Unidas (UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME AND PARLIAMENT OF THE WORLD'S RELIGIONS, 2020, p.5).

A motivação deste documento, assinado por tantas tradições religiosas, é bem explicitada por Iyad Abumoghli, Diretor do PNUMA e do programa Fé para a Terra:

A ONU adotou Ação Global para as pessoas e o planeta, sua agenda ambiental global até 2030, mas a agenda da fé é a eternidade. Nossa preocupação não deve ser apenas a próxima geração; deve ser todas as gerações futuras. Devemos fazer um pacto global, em nome do mundo natural, para levar os valores da fé à prática das pessoas e às decisões dos políticos. Precisamos trabalhar com o meio ambiente para evitar novas catástrofes globais. Apelo à todas as comunidades religiosas do mundo para que liderem pelo exemplo e se unam à nossa Coalizão para colocar nossa Fé pela Terra em ação hoje. (UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME AND PARLIAMENT OF THE WORLD'S RELIGIONS, 2020, p.7)

Neste contexto plural de mobilização em defesa da Mãe Terra, o Papa que escolheu o nome do Santo de Assis, dá um passo importante com a Encíclica *Laudato si'* (Louvado Seja), lançada em 2015. Inspirada no Cântico das Criaturas de São Francisco de Assis, lança um

apelo a toda a humanidade para o cuidado da Casa Comum. Um documento do magistério da Igreja Católica em harmonia com as questões ecológicas candentes do mundo atual e em diálogo com as ciências e diversas tradições religiosas.

A Laudato si' constitui um marco importante para a ecologia integral em face da crise socioambiental que o mundo enfrenta. Este documento faz o apelo de “unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral” (LS 13). Enfatiza o diálogo das religiões entre si e com a ciência, ao afirmar que “a maior parte dos habitantes do planeta declara-se crente e isso deveria levar as religiões a estabelecer diálogo entre si, visando o cuidado da natureza, a defesa dos pobres, a construção de uma trama de respeito e fraternidade” (LS 201).

Ao fazer um chamado a toda a humanidade para o cuidado da Casa Comum, Francisco aponta para a convergência de forças e união de esforços comuns. Todos são chamados a colaborar, incluindo os diversos saberes tanto das ciências como das tradições religiosas:

[Dada a] complexidade da crise ecológica e as suas múltiplas causas, as soluções não podem vir de uma única maneira de interpretar e transformar a realidade. É necessário recorrer às diversas riquezas culturais dos povos, à arte, à poesia, à vida interior e à espiritualidade. Se quisermos construir uma ecologia que nos permita reparar tudo o que temos destruído, então nenhum ramo das ciências e nenhuma forma de saber pode ser transcurada, nem sequer a sabedoria religiosa com sua linguagem própria. (LS 63)

Francisco lembra que as religiões, neste diálogo, exercem um significado de vida para todas as épocas. E afirma que seria “realmente ingênuo pensar que os princípios éticos possam ser apresentados de modo puramente abstrato, desligados de todo contexto, e o fato de aparecerem com uma linguagem religiosa não lhes tira o valor nenhum no debate público” (LS 199).

A Encíclica aponta para a janela do diálogo, mas não aborda a contribuição das outras religiões para o cuidado do planeta. Uma possibilidade ainda a ser explorada e uma “tarefa que se descortina para a ecoteologia latino-americana, levando em conta não somente as grandes tradições religiosas vindas do oriente como também as religiões de matriz indígena e africanas do nosso continente” (MURAD, 2022, p.128).

Nesta seara está a proposta deste trabalho, dirigindo-se ao Budismo e suas diversas escolas e tradições no intuito de entender suas contribuições para o cuidado da Casa Comum. Como a base para o diálogo é conhecimento de si mesmo, iniciaremos o percurso com a Encíclica *Laudato si'*, perpassando os fundamentos da espiritualidade ecológica cristã. Será abordada também a recente Exortação Apostólica *Laudate Deum* que trata da crise climática.

Em seguida lançaremos um olhar panorâmico sobre o Budismo e sua rica história, princípios doutrinários e cosmológicos. Serão pontuadas as bases éticas budistas que sustentam

as relações do ser humano com o mundo e os demais seres, com implicações ecológicas. A partir deste panorama, será possível perceber de modo mais nítido as posturas budistas em relação ao nosso planeta que culminam no novo conceito do Ecodarma: corrente de ativismo ecológico budista. O Ecodarma será abordado como fronteira de expressão ecológica na tradição budista, potencializando as ações em defesa do meio ambiente e suas consequências sociais. Algumas aproximações com a ecoteologia cristã serão realizadas, numa tentativa de alinhamento destas duas tradições em princípios e ações.

Na conclusão faremos uma síntese de como a dimensão religiosa budista lança luzes na compreensão da atual crise socioambiental, construindo novos horizontes que dialoguem e inspirem outras religiões em ações concretas para responder às questões ambientais em diversos contextos socioculturais.

2 LAUDATO SI': PONTO DE PARTIDA

A Encíclica *Laudato si'* surge com um arejamento e frescor únicos, convidando toda a humanidade para o diálogo e cooperação para entender e combater os danosos efeitos de práticas que colocaram em risco o planeta. Houve grande aceitação nos meios não religiosos, ao trazer o aporte científico na abordagem dos grandes problemas socioambientais, incentivando um amplo diálogo com as ciências.

Dentre os aspectos essenciais da Encíclica, destacamos o conceito de ecologia integral como uma das chaves de leitura do documento. Ao agregar o adjetivo “integral” à ecologia, a Encíclica considera o meio ambiente de modo amplo ao incluir o ser humano e a sociedade: “Quando falamos de meio ambiente, fazemos referência também à relação entre a natureza e a sociedade que a habita. Isto nos impede de considerar a natureza como algo separado de nós ou como mera moldura da nossa vida. Estamos incluídos nela, somos parte dela e com- penetramo-nos” (LS 139).

Percebemos então a interdependência que nos envolve, destacada na *Laudato si'* ao afirmar que

dado que tudo está intimamente relacionado e que os problemas atuais requerem um olhar que tenha em conta todos os aspectos da crise mundial, proponho que nos detenhamos agora a refletir sobre os diferentes elementos de uma ecologia integral, que inclua claramente as dimensões humanas e sociais. (LS 137)

Deste modo, a ecologia integral enseja novos modos de compreender os problemas e as crises atuais, buscando soluções para as complexas questões socioambientais:

Dada a amplitude das mudanças, já não é possível encontrar uma resposta específica e independente para cada parte do problema. É fundamental buscar soluções integrais que considerem as intera-

ções dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza. (LS 139)

Estes desafios da ecologia integral necessitam de uma educação e espiritualidade ecológicas, fomentando novos modos de pensamento e uma mentalidade mais aberta ao sentido de cuidado mútuo. Ao observarmos as crises ecológicas que nos afligem, notamos que

(...) falta a consciência de uma origem comum, de uma recíproca pertença e de um futuro compartilhado por todos. Esta consciência basilar permitiria o desenvolvimento de novas convicções, novas atitudes e novos estilo de vida. Surge, assim, um grande desafio cultural, espiritual e educativo que implicará longos processos de regeneração. (LS 202)

Uma educação ecológica implica em buscar um estilo de vida que se contraponha à lógica de um mercado que incentiva um consumismo predatório e danoso ao meio ambiente. A ilusão de liberdade baseada no poder aquisitivo embriaga o homem moderno, lançando-o numa busca voraz pois “quanto mais vazio está o coração da pessoa, tanto mais necessita de objetos para comprar, possuir e consumir” (LS 204). O individualismo e a autoreferencialidade geram crises sociais, além das ambientais: o escândalo da desigualdade social e altos índices de morte por falta de alimentos, as migrações forçadas e suas consequências, a condenação à indigência de milhares de pessoas que vivem nas ruas.

Tais mudanças requerem uma conversão ecológica, um termo da Encíclica que alude ao movimento de alteração do curso de vida. Uma mudança de mentalidade que resulta em posturas mais coerentes, nos seguintes níveis: atitudes individuais, ações comunitárias e políticas institucionais. No nível individual destacam-se as noções de sobriedade e simplicidade de vida que freiem um consumismo predatório e a promoção de um estilo de vida mais contemplativo para perceber os dons da Criação dados por Deus. Nas ações comunitárias são essenciais a mobilização e a união de forças, ultrapassando o individualismo que busca o sucesso a todo custo, pois “a conversão ecológica, que se requer para criar um dinamismo de mudança duradoura, é também uma conversão comunitária” (LS 219).

Completados oito anos da *Laudato si'*, surge uma nova centelha de luz no horizonte com a publicação da Exortação Apostólica *Laudate Deum*, um apelo do Papa Francisco sobre a crise climática. Lançada em 04 de outubro de 2023, dia de São Francisco de Assis, a exortação inspira-se num verso do Santo padroeiro da ecologia: “Louvai a Deus em todas as criaturas”. Ao louvar o Criador, o ser humano precisa ter o mesmo olhar cuidadoso deste Deus, todo Amor e Ternura, que abraça a criação. A interconexão entre todos os seres e a biosfera é um ponto de partida para este canto de louvor, traduzido em cuidado.

A Exortação de Francisco alerta para o perigo de um ponto de ruptura no aquecimento global, uma vez que “de 1850 até hoje, a temperatura global aumentou 1,1 graus centígrados, fenômeno que se amplifica nas áreas polares. A este ritmo, é possível que, dentro de dez anos, tenhamos alcançado o limite máximo global de 1,5 graus centígrados” (LD 12). Evitando um tom apocalíptico, a exortação traz dados científicos que refutam as tendências negacionistas que procuram minimizar o problema. A lucidez que age com esperança é o tom geral do documento. Salienta a fragilidade das políticas internacionais e a busca de modos de cooperação num mundo multipolar, destacando que as populações mais pobres do mundo sofrerão de modo mais duro os impactos do aquecimento global.

Em seguida, Francisco analisa os avanços e fracassos das Conferências das Partes sobre o Clima, destacando como marcos o protocolo de Quioto (COP3/1997), com foco na redução da emissão de gases de efeito estufa, e o acordo de Paris (COP21/2015) cuja meta é manter o aumento das temperaturas médias globais abaixo de 2 graus centígrados. Francisco lança a pergunta sobre o que esperar da COP28, a ser realizada nos Emirados Árabes Unidos entre novembro e dezembro de 2023. Espera-se que esta Conferência leve a uma aceleração da transição energética, realizando o primeiro balanço global, uma avaliação abrangente do progresso em relação às metas climáticas.

Ao abordar a responsabilidade humana na crise climática, Francisco retoma as reflexões da *Laudato si'* sobre o paradigma tecnocrático, base do processo de degradação ambiental, descrito como “um modo desordenado de conceber a vida e a ação do ser humano, que contradiz a realidade até ao ponto de a arruinar” (LS 101). Inserido neste paradigma, o ser humano age como algoz de si mesmo e do planeta do qual depende. Mostra-se urgente a conversão ecológica, pedida na *Laudato si'*, pois somente assim haverá possibilidade de mudanças que atinjam os níveis estruturais da sociedade, num processo gradual.

Francisco traz a noção clara de que as mudanças virão de grandes decisões nas políticas nacionais e internacionais. A articulação entre os líderes religiosos torna-se um imperativo, pois a força de posicionamentos conjuntos pode influenciar os rumos das grandes decisões. E tal esforço de cooperação terá um novo passo na Conferência das Partes sobre o Clima (COP 28) em Dubai, contando com a presença inédita do Papa Francisco e líderes de diversas religiões. O evento contará com o “Pavilhão da Fé”, um fórum de debates com os seguintes objetivos:

(...) inspirar o poder das religiões e dos líderes religiosos como agentes de mudança para a ação climática; destacar ações concretas de instituições e comunidades religiosas para conter a mudança climática com indicadores mensuráveis e um mecanismo de monitoramento; promover uma coalizão global de líderes religiosos trabalhando juntos para a ação climática; incentivar os líderes religiosos a se engajarem no diálogo político e inspirar a ambição climática entre as delegações políticas; alcançar um alinhamento histórico por trás do

apelo à ação pelo clima; unificar e maximizar a ação coletiva dos atores religiosos presentes na COP 28. (VATICAN NEWS, 2023)

A reunião também tratará da colaboração fé-ciência no intuito de lançar luzes na zona escura entre as evidências empíricas e os ensinamentos espirituais, aproximando estas dimensões e fortalecendo as redes de cooperação que atuam em questões climáticas. Um momento de esperança, ao criar espaços de diálogo que possam contribuir para novos posicionamentos diante dos desafios que ameaçam a nossa Casa Comum.

2 BUDISMO: UM OLHAR PANORÂMICO

O Budismo tem origem na Índia há cerca de 2.600 anos. Sua figura central é o nobre hindu Siddhartha-Gautama que atingiu o estado de iluminação espiritual e recebeu o título de Buddha, o Iluminado. Este movimento religioso já nasce multifacetado na Índia, contrapondo e mesclando traços do Hinduísmo. Deste modo, a tradição Hinduísta transmite ao Budismo dois conceitos essenciais: as noções do *samsara* e *karma*. O *Samsara* (literalmente “fluxo ou escoamento em círculos”) prega o incessante ciclo de nascimentos e mortes, num encadeamento sem princípio nem fim, que envolve todos os seres vivos, inclusive os deuses (GIRA, 1992, p. 22). Conforme a qualidade dos atos em cada existência, os seres podem renascer (transmigração) em contextos mais ou menos felizes em seu percurso espiritual.

Já o *karma* consiste no ato e suas consequências: boas ações resultarão em bons frutos nesta ou numa vida posterior; más ações resultarão em maus frutos. A relação entre atos e consequências inserem-se na “lei kármica”, uma relação de causa e efeito que não tem o juízo ou intermediação de alguma entidade divina. Não há juízo, nem castigo, nem perdão. Apenas o *karma* (GIRA, 1992, p.23). Há uma margem de liberdade do ser humano para decidir seus atos, acatando as suas consequências.

Os conceitos de *samsara* e *karma* são interligados, constituindo a base da moralidade budista. Uma vez que os seres compartilham uma mesma condição existencial, sujeita aos ciclos de renascimentos, a consequência de cada ato individual afeta todas as formas de vida. Deste modo, há uma ligação de todos os seres entre si e a biosfera, pois a cosmologia búdica inclui as plantas e animais nos ciclos existenciais. Entretanto, as ações humanas estão no centro do sistema moral pois terão a responsabilidade maior nos mecanismos kármicos, impactando em todos os seres.

Ao diferenciar-se da matriz hinduísta onde nasce, preservando os conceitos chave de *karma* e *samsara*, a doutrina budista desenvolve-se em torno de três eixos que a tradição chama de “três Gemas” (*Tri Ratna*), as três jóias do Budismo: o *Buda* (Mestre), o *Darma* (Lei, doutrina ensinada pelo Mestre) e a *Samgha* (comunidade búdica). Analisaremos estes três pilares do Budismo, trazendo como pano de fundo a fórmula repetida há milhares de anos por todos os budistas, sem distinção de tendências: “Eu busco refúgio no Buda; Eu busco refúgio no Darma; Eu busco refúgio na Samgha” (GIRA, 1992, p.20).

2.1 O BUDA

Na primeira joia do Budismo encontramos o próprio Buda, um ser que alcança a iluminação por meio de inúmeras vidas anteriores, acumulando méritos e novas consciências que resultaram no acontecimento narrado nos sutras (do sânscrito, literalmente “linha”, “fio”). O próprio Buda, depois de iluminado, tem consciência plena de todas as suas vidas passadas e as narra aos discípulos como forma de percepção das correlações e interdependências dos atos.

A última existência de Buda, conforme a tradição, é narrada como a vida do príncipe Siddhartha Gautama nascido em 563 a.C, aproximadamente. Pertence à casta dos *Kshatriya* (guerreiros), segunda casta da hierarquia hindu, abaixo dos sacerdotes *Brâmanes* (GIRA, 1992, p.34). O pai o mantém recluso no palácio, numa vida de luxo e opulência, evitando todo o contato exterior por causa de uma profecia na qual o menino iria tornar-se um monge asceta. Entretanto, o ambiente requintado do palácio não o satisfaz interiormente, movendo-o a buscar no exterior novas experiências.

Ao sair do palácio, encontra-se com quatro pessoas e situações que o levam a um despertar interior: um ancião, um doente, um cadáver e um mendigo. O ancião debilitado o faz despertar para a inevitabilidade da velhice. O doente, fraco e febril, leva-o a descobrir a fragilidade da saúde e a doença. O cadáver, observado num cortejo fúnebre, abre seus olhos para a inexorável realidade da morte. Por fim, o mendigo pobre e esfarrapado o surpreende com uma postura serena, digna, em paz consigo mesmo.

Tais descobertas, desconhecidas no mundo perfeito no qual vivia, abalam o jovem príncipe. A postura do mendigo sereno lhe parece o caminho para lutar contra as realidades da velhice, doença e morte. Decidiu então renunciar a todos os bens e direitos de sua casta, deixando o palácio e dedicando-se unicamente ao caminho da ascese monástica. Entretanto, a ascese rigorosa resulta em problemas de saúde, fazendo-o perceber que nem o caminho dos bens materiais, nem o da ascese exagerada o levariam à verdade. O caminho do meio o leva, gradualmente, ao Despertar na famosa cena na qual está sentado à sombra da árvore de boddhi, de onde não iria sair enquanto não tivesse alcançado a iluminação.

Siddhartha desperta de forma surpreendente e tem acesso à tríplice sabedoria: conhecimento de suas vidas passadas, do mistério do ciclo de mortes e renascimentos dos seres presos e a certeza de ter destruído dentro de si os desejos que constituem a base da samsara (GIRA, 1992, p.41). Surge a doutrina do “não-ser”, desfazendo a noção de que existe um “eu” separado do universo. Essa ilusão do “eu” geraria apegos e desejos que manteriam os seres no samsara. Tal doutrina abre espaço para uma visão que integra todos os aspectos da ecosfera: os seres específicos e as espécies, num movimento de interligação.

Observa-se que a iluminação de Buda é processual, em diversas vidas que culminam em sua última existência na qual passa do particular (consciência kármica particular) para o universal (consciência kármica da humanidade). Migra da noção de perfeição monástica

para a abertura da compaixão por todos os seres, permanecendo em sua última existência para ajudar a todos os seres em seus próprios processos de iluminação, rumo à libertação. Surge uma consciência universal que converge para cessar o sofrimento de todos os seres, num movimento interdependente no qual cada ação individual tem efeitos em toda a humanidade e nos demais seres.

2.2 O DARMA

A segunda joia budista expressa a noção de lei universal que a tudo governa, sendo incriada, presente em todos os seres. Em sua iluminação, o Buda constata a existência do darma e, movido pela compaixão, passa a ensiná-la a todos os seres. No darma Buda aponta o desejo como a causa do sofrimento, pois o apegar-se aos seres, às situações sujeitas à impermanência e às coisas geram a ilusão do pertencimento. Até mesmo o apego à identidade do “eu sou” de cada ser é uma ilusão, um apego que gera sofrimento. A tradição budista considera o Buda como um médico que aponta a doença (sofrimento) e suas causas (apegos), receitando os remédios (darma) para atingir a plena saúde (Iluminação, libertação, o nirvana) (GIRA, 1992, p.47).

O caminho a ser trilhado pelos indivíduos rumo à Iluminação, expresso no darma, requer o conhecimento das Quatro Nobres Verdades: 1) A vida é sofrimento; 2) existe uma causa para o sofrimento que é o desejo; 3) existe um meio para suprimir o desejo e o sofrimento; 4) esse meio é o Nobre Caminho **Óctuplo**, ações e posturas que conduzem à Iluminação. Buda recomenda aos discípulos a constante meditação destas verdades. Negligenciá-las implica no constante risco do aprisionamento na ilusão da *samsara* (GIRA, 1992, p.51).

A **Primeira Nobre Verdade** afirma que a vida humana em todo o seu decurso está impregnada de sofrimento, sendo os momentos felizes uma ilusão que gera apego e mantém os seres presos na *samsara*. A chave de compreensão desta afirmação, difícil aos ocidentais, estaria no conceito de *Duhkha*, literalmente sofrimento, dor, miséria, pena. Mas o termo tem o sentido de “impermanência” ou “imperfeição”, implicando a noção de sofrimento no estado de perene mudança de tudo o que existe. A efemeridade da vida gera sofrimento na medida que nos apegamos aos momentos e sensações de felicidade, procurando retê-los.

A **Segunda Nobre Verdade** traz o desejo como a causa do sofrimento (*duhkha*), ligando o desejo ao ato que gera o sofrimento presente no ciclo dos nascimentos e renascimentos da *samsara*. O desejo humano seria alimentado por três sedes: a sede dos prazeres sensoriais ligados aos objetos agradáveis; a sede da existência que não tenha fim e a sede de escapar da lei kármica (GIRA, 1992, p.60). Tais sedes são expansões do próprio eu, gerando atos mais ou menos egoístas que iludem a consciência. Enquanto perdurar a ilusão, o desejo dominará a vida humana e gerará sofrimento pois continuará provando da impermanência de tudo o que existe.

A **Terceira Nobre Verdade** apresenta a esperança da libertação do sofrimento gerado pelo *samsara*, levando os seres ao estado do *nirvana*. Tal termo tem o sentido fundamental

de “extinção”, designando a necessidade de extirpar as sedes que geram o desejo que, por sua vez, alimentam a ilusão de um “eu” que se prende à avidez e cujos atos o mantêm no samsara. Entretanto o nirvana não é algo que se atinge somente após a morte, como um prêmio a ser alcançado. O chamado “nirvana perfeito” seria o que Buda atingiu ainda em vida, pois ao extinguir suas paixões, ilumina-se e, por livre escolha, permanece na mesma existência como o intuito de ajudar os outros seres em seu caminho de iluminação.

A **Quarta Nobre Verdade** enumera os meios que possibilitam ao fiel praticante uma aproximação constante do nirvana, a completa libertação da samsara. Este percurso é realizado no Nobre Caminho Ótuplo, estruturado em três grupos que se desdobram nos oito elementos: Conduta ética (palavra reta, reta ação, reto meio de existência); Disciplina mental (esforço reto, atenção reta, concentração reta) e Sabedoria (reta compreensão, reto pensamento) (PIAZZA, 1991, p. 290).

2.3 A SAMGHA

O termo *samgha* pode ser proveniente de sam-han, palavra análoga a “con-gregação” que no ocidente pode designar as comunidades religiosas (PIAZZA, 1991, p. 295). A primeira comunidade nasce com os cinco discípulos de Buda, seus acompanhantes em sua fase de asceta radical. Ao longo do tempo, os leigos que aceitam o darma são acolhidos na samgha, comprometendo-se com as regras deste modo de vida. Partilham uma vida comum dedicada à meditação, estudo e ensino. São comunidades mendicantes, ligadas assim às pessoas que lhes garantem a subsistência.

A tradição destas primeiras comunidades recebe o nome de *Hinayana*, o “Pequeno Veículo”, caminho reservado apenas aos monges. Depois surge a designação *Theravada*, a doutrina dos antigos, para firmar a sua identidade frente às novas correntes. A tradição *Hinayana* gerou muitas escolas com diferenças de pontos de vista, mas com uma unidade doutrinária que apontava o ideal a ser buscado pelos monges: o estado de *arhat* (perfeito) e o estado de iluminação (*bhodi*) atingido por poucos (PIAZZA, 1991, p. 295).

A doutrina *Hinayana*, depois de séculos, é contestada por uma geração de pensadores budistas que reivindicam um acesso amplo aos conhecimentos e práticas reservados somente aos monges. Surge então o “Grande Veículo”, denominado *Marayana*, abrindo caminho para um “budismo dos leigos”. Um dos seus princípios considera cada ser um Buda potencial, sendo a todos possível a iluminação. Neste caminho é pregado o auxílio aos menos perfeitos rumo à iluminação, considerando egoístas os esforços para libertar-se sozinho.

Deste modo, privilegia-se o princípio da compaixão (*karunā*) no auxílio espiritual de todos os seres e não o da perfeição (*arhat*) monástica (PIAZZA, 1991, p. 296). Ressalta-se que a tradição *Marayana* não trouxe cisão doutrinária, mas especulações sobre o modo de aplicar os conhecimentos búdicos, gerando influência da expansão da difusão no exterior, principalmente na China e Japão. A abertura aos leigos no caminho de seguimento do Buda gerou uma potencial receptividade na expansão budista em diversos países.

Ao final desta visão panorâmica do budismo, nota-se um elemento marcante: a conduta ética que visa criar uma existência sã e harmoniosa para todos os seres, numa atitude de respeito e reverência. A corresponsabilidade é um elemento essencial da visão cosmológica budista, sendo o fundamento de uma ética da compaixão que abraça e respeita a biodiversidade. As formas de dominação e exploração da natureza são condenadas, pois promovem rupturas e dor ao conjunto dos seres. Uma vez que não existe um “eu” que domina e um “outro” que é dominado, mas um todo interligado que sofre as consequências das ações de todo, seja humano, animal, vegetal ou mesmo um ecossistema.

3 ECODARMA: NOVA FRONTEIRA BUDISTA NO CUIDADO DA CASA COMUM

A partir do olhar panorâmico realizado, abordando os pilares do Budismo, podemos nos perguntar sobre a reação desta tradição diante da atual crise ecológica. E de que forma os conceitos interdependentes de karma, samsara e sofrimento implicam os praticantes budistas em posturas éticas diante dos impactos socioambientais. Tais perguntas, na linha da tradição budista, não nos dirão aquilo que devemos fazer, mas podem ter muito a dizer sobre o modo como fazer.

Neste sentido, a resposta budista é o ecodarma: um novo termo para um novo desenvolvimento da tradição budista. Uma combinação das preocupações ecológicas (eco) com os ensinamentos tradicionais budistas e de suas espiritualidades decorrentes (darma). O impacto desta nova abordagem ainda está se desenvolvendo e norteia-se pela investigação das implicações ecológicas dos ensinamentos budistas e a incorporação destes entendimentos no ativismo ecológico atual (LOY, 2021, p. 25).

O ecodarma enfrenta questões novas com que o Budismo, surgido há cerca de 2.600 anos, depara-se pela primeira vez. O Buda não lidou com os efeitos de uma crise climática global que ameaça a continuidade da vida neste planeta, uma catástrofe ecológica que gera um sofrimento coletivo. Tal questão nunca foi abordada por uma simples razão: este problema nunca existiu. São fatos inéditos que requerem movimentos novos, com adaptações graduais. Neste cenário, a principal contribuição budista reside em diretrizes para ação que as práticas das tradições Theravada e Mahayana oferecem, embora sejam concebidas em termos individuais. Ainda assim, sua sabedoria é “prontamente aplicável aos tipos mais coletivos de prática engajada e transformação social necessários hoje” (LOY, 2021, p. 32).

Os ensinamentos budistas tradicionais estão focados no despertar individual e na plena conscientização da interdependência de todos os seres e da biosfera. As orientações éticas dirigem-se ao abandono dos preconceitos, desenvolvendo uma noção do aqui e agora que possibilite ações compassivas. Trata-se de uma ética voltada a enfrentar o sofrimento individual ligado ao karma e aos desejos que prendem à samsara. Muitas correntes budistas dão ênfase à extinção do nascimento físico neste mundo conflituoso. A meta é escapar da samsara, pois este mundo de sofrimento movido pelo desejo não pode ser transformado. Correntes

budistas mais recentes falam de harmonização com este mundo pela transformação da mente, principalmente pelas práticas de meditação (LOY, 2021, p. 32).

De um modo ou de outro, tais linhas de pensamento não estão muito interessadas em abordar os problemas deste mundo, sejam socioeconômicos ou ecológicos, tornando-o melhor ao deixar um legado sustentável para as futuras gerações. Ainda assim, surgem posturas diferenciadas diante da realidade, como a do Mestre Zen vietnamita Thich Nath Hanh. Pacifista e ecologista, o ainda jovem monge de um remoto mosteiro no Vietnã do Norte organizou protestos pela paz diante da guerra contra o Vietnã do Sul. Exilado de modo sumário, retornou apenas em 2005 para uma breve visita. Não veria mais seu país até a sua morte em 2022. Na década de 80 atuou de modo efetivo no nascente movimento pelo meio ambiente.

O mestre vietnamita pregava que o despertar individual deve corresponder a uma transformação coletiva: “O Buda alcançou o despertar individual. Agora precisamos de uma iluminação coletiva para interromper o curso da destruição” (HANH, 2023, p.136). A reunião em comunidade constitui um modo de agrupar a energia e a agir de modo sincronizado, pois a prática coletiva pode proporcionar transformação e cura para nós mesmos e a sociedade (HANH, 2023, p.267).

Notamos então uma convergência da iluminação coletiva com o apelo do Papa Francisco na *Laudato si'*, ressaltando que nas ações comunitárias são essenciais a mobilização e união de forças pois “a conversão ecológica, que se requer para criar um dinamismo de mudança duradoura, é também uma conversão comunitária” (LS 219). Haveria então uma mudança de mentalidade que resulta em atitude mais coerentes no nível individual, nas ações comunitárias e políticas institucionais.

Thich Nath Hanh superou a tentação de muitos budistas: o apego a dimensão do “vazio iluminativo” que resulta na indiferença ao que acontece no mundo. Demonstrou que é possível um equilíbrio entre a busca da iluminação por meio da meditação, cultivada pelas correntes tradicionais, e o ativismo social e ecológico. Ao consideramos esta vertente equilibrada das dimensões individual e coletiva, podemos encontrar ensinamentos com aplicações ecológicas nas duas grandes tradições budistas: as tradições Theravada e Mahayana (HANH, 2023, p.136)

3.1 A TRADIÇÃO THERAVADA

No Cânone Pali, encontramos as “regras de treinamento” para os que desejam trilhar o caminho da Iluminação. Tais regras consistem em abster-se de matar (ou prejudicar) seres vivos, tirar o que não é dado, conduta sexual imprópria, fala imprópria e uso de substâncias intoxicantes que anestesiam a mente (álcool e drogas).

O Mestre Zen David Loy fez a releitura destes preceitos em perspectiva socioambiental:

- *Não matar seres vivos* significa hoje reduzir nossa participação em processos que causem prejuízo a outros seres, ou seja, a redução do consumo de produtos vegetais que resultam de desmatamento, bem como do consumo de produtos de origem animal. A tradição diz que Buda não era vegetariano, mas não faz restrição a esta prática. A diminuição da chamada “pegada alimentar” é necessária por causa da crueldade na criação e abate de animais em massa, bem como a desproporção dos insumos para alimentá-los, incluindo a água. Soma-se a enorme quantidade de metano liberada pelos ruminantes.

- *Não tomar o que não é dado* implica numa nova mentalidade na relação com a Terra, passando de uma postura de exploração predatória dos recursos naturais a um novo modo de relação que desafie sistemas econômicos que mercantilizem os ecossistemas.

- *Abster-se de conduta sexual imprópria* vai além da noção tradicional de “evitar sexo que causa dano ou dor a outros”, englobando as formas de exploração sexual que ocorrem pelo tráfico de pessoas (principalmente mulheres e crianças). Inclui também posturas patriarcais opressivas que gerem violência por causa de discriminação de gênero, mantendo mulheres em posições humilhantes.

- *Abster-se de fala imprópria* diz respeito ao linguajar violento, difamações, calúnias e mentiras. Num mundo globalizado e conectado digitalmente, o fenômeno das “fake news” tornaram-se meio de influência política e social. Os governos autoritários e mesmo as democracias liberais usam a informação de modo interesseiro, muitas vezes sorrateiro. O marketing evolui e transformou os seres humanos em mercadorias, leiloando o tempo gasto em redes sociais como um bem valioso.

- *Abster-se de intoxicantes prejudiciais* visa tradicionalmente o álcool, estendendo-se hoje a muitas drogas e medicamentos legais e ilegais. Uma droga mais potente embriaga o ser humano: o consumismo desenfreado. Num sistema econômico movido pelo consumo, as mídias sociais transformam-se em poderosas máquinas capazes de capturar a atenção, viciando o sistema nervoso com altas doses de dopamina e mantendo o “transe coletivo do consumismo” (LOY, 2023, pp 174-177).

Além desta atualização dos preceitos, o Mestre David Loy traz a versão do Mestre Thich Nath Hanh para os que caminham rumo à Iluminação:

Não ser atado a nenhuma doutrina, mesmo as budistas – o que acarreta abertura a pontos de vista de outrem e a não imposição a outrem de seus próprios pontos de vista. Praticar a respiração atenta para evitar a dispersão e retornar ao que está acontecendo no momento presente. Tomar uma posição clara contra a opressão e a injustiça, sem se envolver em política partidária ou lutas ideológicas. Abandonar a raiva e o ódio quando surgirem. Respeitar a propriedade dos outros e impedir que outros lucrem com o sofrimento de humanos ou de outras espécies. (LOY, 2023, p.178)

Os preceitos tradicionais apontados visam evitar as chamadas “armadilhas cármicas”, tornando possível o engajamento socioambiental lúcido e eficaz. Este autor ressalta que nenhum destes preceitos é exclusivamente budista, sendo que pessoas sem contato com o Budismo os praticam de modo até mais efetivo. Deste modo, a convergência de valores e atitudes são mais importantes, pois:

(...) a questão básica aqui não são princípios que sejam distintamente budistas, mas uma forma de viver que muitos outros ensinamentos espirituais também promovem. Quer a pessoa se identifique ou não como budista, tentar incorporar esses preceitos incentiva uma transformação semelhante: a pessoa torna-se menos autocentrada e mais engajada, conforme diminui a sensação de separação entre o próprio bem-estar e o do mundo (LOY, 2023, p.179).

3.2 A TRADIÇÃO MAHAYANA

Nesta escola budista encontramos a figura do Bodisatva: aquele que busca a Iluminação pelo caminho dos seres sencientes. E uma vez que atinge a iluminação, o estado de Buda, continua nesta existência movido pela compaixão, auxiliando todos os seres em seu próprio caminho. Sua compaixão irrevogável é *bodhicita*, a mente voltada para a iluminação de todos os seres (FEUERSTEIN, 2011, p.199). Se na tradição Theravada o protagonista era o monge que busca o *arat*, o estado de perfeição para si mesmo, a escola Mahayana insere todos os praticantes budistas no caminho de Iluminação. E o Bodisatva é aquele cuja compaixão o move a estar junto de todos os seres no trajeto espiritual, pois faz o grande voto de não entrar no nirvana final antes que todos os seres tenham sido libertados. Permanecer até o fim, mesmo que por uma única alma.

Numa perspectiva social e ecológica, o Bodisatva insere-se como ator que lida com as causas coletivas e institucionais do sofrimento coletivo, ressaltado por Loy como

(...) um arquétipo inspirador que incorpora uma nova visão de possibilidade humana – em particular como alternativa ao individualismo desenfreado e egocêntrico, inclusive qualquer abordagem da prática budista que se preocupe apenas com o despertar pessoal. (...) o Bodisatva é precisamente o paradigma espiritual de que precisamos hoje (LOY, 2023, p.184)

Nesta perceptiva, o caminho do Bodisatva ligado a questões socioambientais delineia o perfil do **Ecosatva**: aquele que aceita o mistério da interdependência de todos os seres e o planeta Terra e dedica sua existência ao auxílio da iluminação coletiva. Mesmo que pareça irreal e até mesmo insano, o Bodisatva mantém o juramento de não entrar no nirvana definitivo enquanto houver um ser ainda não iluminado. Isso porque age sem apego aos resultados da ação. Permanece no presente, sem a fruição do resultado futuro. Faz, a cada dia, o que

precisa ser feito. Aproxima-se da meta a passos pequenos, mas constantes. Sem pressa, mas sem pausa.

Neste ponto, o caminho do Ecosatva pode ser a grande contribuição budista para os desafios da crise ecológica. O trabalho não é a busca da perfeição, mas fazer o melhor que se pode. O não apego a resultados soa irreal a uma mente ocidental moderna, a não ser que tenha uma profunda base espiritual. E o cultivo espiritual, seja em qualquer prática religiosa, começa na simplicidade de vida. Gerar hábitos de consumo consciente faz com que sejamos menos pesados para a Terra, como ensina o mestre Thich Nhat Hanh:

(...) enquanto continuarmos nos permitindo ser arrastados pela máquina do consumismo, será difícil desenvolver nossa força espiritual. Por essa razão, o ponto de partida para uma nova civilização deve ser a determinação de não ser “colonizado” pelos bens materiais – rebelar-se contra o materialismo a favor de nossa necessidade de existir enquanto ser humano. (HANH, 2023, P.178)

3.3 O ECODARMA: TENDÊNCIAS E HORIZONTES

Como vimos, as tradições Theravada e Mahayana oferecem recursos preciosos para alimentar a ação dos praticantes dedicados ao caminho do Bodisatva, mais especificamente dos Ecosatvas. Os adeptos do budismo engajado, surgido no final do século XX, habitam uma nova fronteira na qual coexistem a tensão criativa entre as escolas tradicionais e as motivações para a ação perante os desafios socioambientais.

A postura pluralista do budismo engajado contribui para a formação de alianças e pontes em busca de objetivos comuns, independentemente ou apesar de discordâncias dogmáticas com outras religiões ou mesmo do indiferentismo religioso pós-moderno. A confluência de valores expressa-se em pontos de interseção extra doutrinária, mobilizando energias para a tomada de posições diante das questões urgentes, tais como a defesa dos direitos humanos, diminuição de preconceitos e superação de posturas que atentem contra a dignidade humana (USARKI, 2009, p.189). A partir destes pontos de interseção, somam-se aqueles relativos às questões ecológicas, presentes nos diversos encontros inter-religiosos nos quais o budismo é assíduo. Estes encontros têm uma pauta comum que gira em torno da paz entre as nações, busca de soluções para a crise ambiental e para os impactos sobre a humanidade e a biosfera.

Neste cenário, surgem redes de cooperação com a sociedade civil e outras religiões, construindo aos poucos novos horizontes para o Ecodarma em diversos países. Esta rede tem se posicionado por meio de declarações conjuntas, como o documento “A Terra como Testemunha” (2013), assinado por 100 professores internacionais de Dharma. O documento traz 16 princípios do ensinamento budista para o enfrentamento da crise climática. Dentre eles, ressaltamos a reverência pela vida, o imperativo ético da ação compassiva, a interconexão e interdependência entre todos os seres, a interligação das dimensões individuais e coletivas

e a conexão com as questões de diversidade e justiça. A figura inspiradora do Bodhisatva é apontada como um modelo ético a ser adotado.

Em 2015, surge a Declaração Budista Global sobre Mudanças Climáticas, com o título “A hora de agir é agora”. Um manifesto pan-budista assinado por diversos líderes, dentre os quais o Dalai Lama e Thich Nhat Hanh. A declaração alerta para o perigo que corre a civilização humana em face do aquecimento global, apontando os recursos oferecidos pelo Budismo para realizar análises e ajustes de rota, tais como o uso das quatro nobres verdades para observar a mente humana e orientar ações corretas. A declaração foi enviada à COP21 (2015) em Paris, a Conferência das Partes sobre mudanças climáticas.

Em torno do Ecodarma surgiram diversos coletivos que reúnem mestres zen, monges, professores de filosofia budista, praticantes budistas de diversas tradições, bem como simpatizantes do budismo que são atraídos por seus valores e práticas meditativas. Um belo exemplo é a Comunidade Plum Village², fundada em 1982 pelo Mestre Zen Thich Nhat Hanh. Localizada na região de Bordeaux, sudoeste da França, constitui o maior mosteiro budista da Europa, com cerca de 200 monges que vivem em quatro aldeias. Há dezenas de centros de prática monástica, também fundados por Thich Nhat Hanh, na Europa, Ásia, Estados Unidos e Austrália. Estes locais recebem milhares de pessoas todos os anos para retiros de verão, cursos e oficinas. Os ensinamentos e práticas budistas desta comunidade trazem a marca da tradição ecológica do mestre vietnamita, consolidando seu legado espiritual.

Outras organizações budistas, associadas a comunidades monásticas ou como grupos independentes, atuam no terceiro setor de modo bastante efetivo. Neste contexto há o Centro Ecodarma³, na região espanhola da Catalunha, e a Sangha da Uma Terra⁴, sediada nos Estados Unidos. Essas instituições atuam na promoção de valores ecológicos, unindo as dimensões internas, pela meditação, e externas por meio de iniciativas sustentáveis. O Centro Virtual Ecodarma, mantido pela Sangha da Uma Terra, fornece suporte e formação para grupos de reflexão e ações locais, bem como assessoria a projetos de sustentabilidade em diversas áreas. Os treinamentos online e as oficinas locais são oferecidos de modo regular.

Diante deste panorama, observamos a diversidade de ações do budismo engajado na atualidade e suas interfaces com os esforços de outros grupos e religiões. Sinais de um despertar individual que repercute na coletividade, gerando dinamismos benéficos para toda a humanidade. Entretanto, a semente do Ecodarma, plantada nas comunidades budistas e em fase de crescimento, é ainda frágil e requer cuidados para não ser tragada por radicalismos e posturas ideológicas que buscam cooptar a credibilidade do budismo em benefício próprio.

2 Cf. site, disponível em www.plumvillage.org. Acesso em 17/10/2023.

3 Cf. site, disponível em www.ecodarma.com. Acesso em 19/10/2023.

4 Cf. site, disponível em www.oneearthsangha. Acesso em 19/10/2023.

CONCLUSÃO

Ao final deste breve trabalho de pesquisa, esperamos ter acendido mais uma fagulha de esperança que ajude a iluminar nosso caminho de cuidado com a Casa Comum. E ao nos aproximar da janela do budismo, a luz própria desta tradição milenar pôde ser melhor percebida, lançando luzes sobre o nosso olhar cristão. Que as luzes promovam uma iluminação mútua, contribuindo na percepção de suas singularidades e riquezas, sem causar ofuscamento.

E um destes pontos de luz é o arquétipo do Bodisatva, ajudando-nos a desenvolver a corresponsabilidade cósmica, com práticas de desconstrução e reconstrução do senso de eu, com o propósito de uma transformação individual e social. Os Bodisatvas trabalham pela iluminação coletiva, gerando um ciclo que desenvolve pessoas capazes de realizar mudanças sociais profundas e duradouras. O ponto luminoso convergente com o cristianismo seriam as pessoas transformadas pelo encontro pessoal com Jesus, gerando uma conversão ecológica que modifica radicalmente sua relação consigo mesmas, com os outros e com o mundo. O Papa Francisco destaca este aspecto ao afirmar que “viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo de opcional nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial duma existência virtuosa” (LS 217).

Enfim, as manifestações luminosas do budismo podem ajudar a humanidade neste momento tão difícil, caso possamos recolher com cuidado suas luzes, num movimento convergente. Ao abrirmos espaço para esforços multilaterais realizados por diversos tipos de lideranças, lembremos que em qualquer nível de decisão, haverá sempre um ser humano que poderá fazer escolhas melhores em estado de atenção plena.

Assim, voltamos ao lampejo inicial do Buda em seu caminho óctuplo: a atenção plena correta gera concentração correta, visão correta, pensamento correto, fala correta, ação correta, estilo de vida correto e diligência correta. E talvez não precisemos mais que isso agora: apenas nos deixar iluminar nesta aproximação com a janela aberta do Budismo, aprendendo a estarmos plenamente no momento presente para enfrentar, com lucidez e firmeza, os desafios ecológicos que ameaçam a nossa Casa Comum.

REFERÊNCIAS

- ALIANÇA DE RELIGIÕES E CONSERVAÇÃO. *As Declarações de Assis*. Kelton Park: ARC, 1986.
- FRANCISCO (Papa). Carta Encíclica *Laudato Si'*. Sobre o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulinas, 2015.
- FRANCISCO (Papa). Exortação Apostólica *Laudate Deum*. Sobre a crise climática. São Paulo: Paulinas, 2023.
- FEUERSTEIN, Georg; FEUERSTEIN, Brenda. *Darma verde: budismo ecológico para transformar a prática da sua vida diária*. São Paulo: Pensamento, 2011.
- GIRA, Dennis. *Budismo – História e Doutrina*. Petrópolis: Vozes, 1992.

HANH, T. N. *Zen e a Arte de Salvar o Planeta*. Petrópolis: Vozes, 2023.

LOY, D. *Ecodarma: ensinamentos budistas para a urgência ecológica*. Rio de Janeiro: Bambual, 2021.

MURAD, A. *Janelas abertas: Fé cristã e ecologia*. São Paulo: Paulinas, 2022.

A HORA DE AGIR É AGORA: DECLARAÇÃO BUDISTA GLOBAL SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS. Disponível em: <https://oneearthsangha.org/articles/buddhist-declaration-on-climate-change/>. Acesso em 12/09/2023.

A TERRA COMO TESTEMUNHA: DECLARAÇÃO DOS PROFESSORES INTERNACIONAIS DE DARMA SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS. Disponível em: <https://oneearthsangha.org/articles/earth-as-witness/>. Acesso em 15/10/2023.

PIAZZA, Waldomiro O. *Religiões da Humanidade*. São Paulo: Loyola, 1991.

UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME AND PARLIAMENT OF THE WORLD'S RELIGIONS. *Faith for Earth: a Call for Action*. Nairobi: UNEP, 2020.

USARSKI, Frank. *O Budismo e as Outras – Encontros e desencontros entre as grandes religiões mundiais*. Aparecida: Ideias & Letras, 2009.

VATICAN NEWS. O Papa na COP 28: publicado o cronograma oficial da viagem a Dubai. 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-11/papa-francisco-programa-oficial-viagem-dubai-cop28.html>. Acessado em 05/11/2023.